

ILUSTRACÃO POPULAR

CHRONICA SEMANAL
 REDIGIDA POR UMA SOCIEDADE D'HOMENS SEM LETRAS
 PROPRIETARIO — HUMBERTO S. PINTO
 CORRESPONDENCIA À LIVRARIA POPULAR, R. AUGUSTA, 222 — LISBOA
 PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS
 PREÇO POR ANNO OU 52 N.º 15000 RÉIS — CADA N.º 20 RÉIS

ANNO 1.º LISBOA, 4 DE DEZEMBRO DE 1884 NUMERO 23

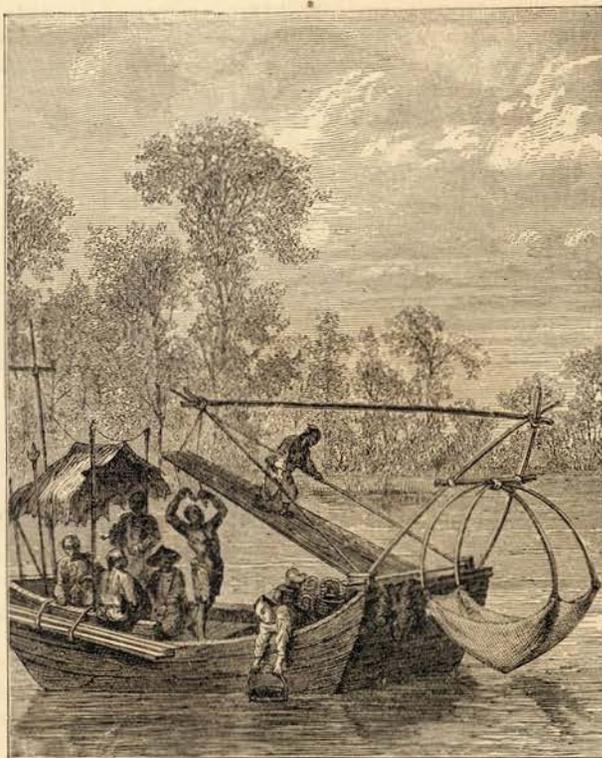
CHRONICA DA SEMANA

SUMMARIO.—O primeiro de dezembro.
 — Os ladrões. — A Bulla da Santa Cruzada. — O frio.

DECIDIDAMENTE o amor da patria só existe no frontão do edificio dos Paços do Concelho e lá mesmo em symbolo, *realista* de mais para quem tem a noção do pejo e uma ideia exacta do pudôr.

O amor da patria é uma religião tão decahida, que, apesar dos dias santos marcados na *folhinha* official, ninguem apparece no templo, a não ser os sachristães burocraticos, porque os altos dignitarios dispensam-se de officiar, e alguma confraria de beatos, para os quaes a fé patriotica é um *credo* sagrado e o nome dos restauradores a ladainha dos heroes, que se reza em familia para commemorar uma gloriosa data tradicional.

O povo não se associa ao culto e deixa a patriotica commissão 1.º de Dezembro assistir em paz ao *Te Deum laudamus* e os pro-



A PESCA EM UM RIO, NA CHINA

letarios aproveitam os bôdos, que as commissões especiaes distribuem, em memoria do arrojado esforço, com que meia duzia de fidalgos e sete burguezes despedaçaram os grilhões do despotismo, subjugaram os leões de Castella e vingaram a honra da patria, espezinhada pelo dominio estrangeiro em annos successivos de humilhações e opprobrios.

Como se abastardou a raça d'esses patriotas em 244 annos, que tantos são decorridos até aos nossos dias!

Dissemos *abastardou*, porque não encontramos palavra que exprima melhor a nossa decadencia moral, o nosso indifferentismo politico, o nosso abandono pelo engrandecimento da patria.

Nós queriamos que fossem outras as manifestações commemorativas das glorias nacionaes.

O tempo não está para repiques de sinos, para fogos de vista, para toques de alvorada e illuminações publicas e particulares.

Os seculos pulverisaram os carros triumphaes; e do Capitolio só restam as ruinas, como das nossas passadas glorias só sobrevive a memoria, que não lograremos conservar, se não curarmos de acrescentar o patrimonio de heroismo, que nos legaram os descobridores da India e do Brazil, da Africa e dos Açores.

* A conferencia de Berlim é a elegia, recitada pela civilisação nos funeraes da nossa gloria, é a sentença de interdicção lavrada no processo, em que se accumularam os documentos da nossa inhabilidade colonisadora, e infelizmente não ha appellação d'essa sentença, que no fundo é justa, embora nos pareça espoliadora.

O desafogo patriotico caiu inteiro sobre o sr. Antonio de Serpa, como cae sobre o medico a responsabilidade da morte do doente e sobre o advogado a perda da demanda, que comprometteu os nossos haveres.

Mas a culpa não cabe aquelle estadista, ao qual só pôde imputar-se o desatino de ter assumido responsabilidades, com que não podia e que não eram suas, eram de todos os partidos, eram de todos os corpos legislativos, eram finalmente do paiz, que deixou por largos annos ao abandono e nas mãos prodigas de prodigos administradores o seu patrimonio colonial.

Agora perdemos o nosso dominio no Zaire, amanhã perdemos o primado do Oriente, depois perderemos outras joias da nossa corôa, se não aproveitarmos a lição para cuidarmos de nos organisarmos politicamente para administrarmos bem o que nos resta, que é muito ainda e que

poderia dar-nos o necessario para podermos ter um logar de honra entre as nações, que primam por civilisadas.

Nós não sabemos quantas dezenas de contos custou o monumento aos restauradores; mas achamos que essa quantia empregada em uma colonia, em qualquer das nossas possessões, seria mais proficua do que n'aquelle obliisco, que nem prima pela elegancia, nem pelos primores artisticos.

Parece-nos que um meio salutar, para o engrandecimento da nossas colonias, era acabar com as sociedades de geographia.

Temos medo dos geographos commerciaes!

×

A policia tem ultimamente dado caça aos amigos do alheio e tem sido feliz, porque conseguiu descobrir uma pequena quadrilha, que tinha por chefe um celebre bandido, que desde 1862, em que deu baixa de soldado, tem exercido, com proveito proprio e prejuizo alheio, a criminosa industria do roubo.

A biographia do famigerado José Nunes é curiosissima e mostra claramente a defficiencia do nosso codigo penal, porque elle tem respondido em audiencia, muitas e muitas vezes, pelo crime de roubo, tem cumprido as sentenças, em que tem sido condemnado, voltando em seguida ao exercicio da sua profissão de habilissimo gatuño.

Não podêmos conformar-nos com a lei, que não previne a reincidencia successiva de taes crimes. Entendemos que uns *sugeitos*, como aquelle, deviam ser sequestrados da convivencia social, como indignos, prejudiciaes e perigosos.

Não basta a vigilancia da policia para salvaguardar os nossos haveres contra a cubiça de uns meliantes, que sabem illudir todas as cautellas e que dispõem de recursos artisticos, que vencem todas as difficuldades.

O Soldado tinha nas terras do Seabra uma officina montada de serralheiro, onde se fabricavam chaves de todos os moldes e gazuas de todos os feitios. Quando elle, d'aqui a alguns mezes sair do Limoeiro, volta a exercer o seu officio e contra isso protestamos nós e todos aquelles, que trabalham e que não desejam ser espoliados dos seus poucos ou muitos haveres.

Pedimos ao sr. Ministro da Justiça que dê a este assumpto a importancia, que elle merece, e que proponha ao parlamento uma medida legislativa, que acabe de vez com esta praga de larapios, ou então que seja auctorizada a profis-

são para elles pagarem a contribuição industrial, correspondente ao officio.

×

Está em Lisboa sua emminencia o Bispo de Bethsaida, commissario geral da Bulla da Santa Cruzada, que, segundo se affirma, vem prègar na solemnidade da publicação d'aquella Bulla.

Havemos de ir ouvir o illustrado prelado. Queremos assistir ao triumpho da sua eloquencia. Desejamos apreciar os argumentos, com que sua ex.^a reverendissima defende o dogma catholico da justificação pelas obras e folgaremos que não sejam de cèra, as azas com que subir às emminencias d'esse assumpto, para que o sol da verdade as não derreta e o talento de sua ex.^a tenha de despenhar-se de absurdo em absurdo até aos abysmos do erro contra a historia, contra a razão, contra a theologia e contra o Evangelho, pois em todos esses campos havemos de exigir a responsabilidade do illustrado prelado.

N'estes tempos de indifferentismo religioso têm uma certa importancia esta ordem de questões, porque decerto o douto bispo de Bethsaida não vae refugiar-se nos reductos da fé, para tratá-las, quando ellas podem e devem tambem ser discutidas no campo da philosophia e da historia.

Não pretendemos terçar armas com tão conspicuo adversario, nem temos a vangloria de nos querermos medir com tão esforçado campeão; mas estamos persuadidos que o privilegiado talento de sua ex.^a não logrará convencer-nos de que a verdade seja bifronte, como o deus pagão, que seja verdadeiro o *Syllabus* e o *Evangelho*.

Nós temos pelo insigne cathedratico Antonio Ayres de Gouveia uma entranhada predilecção, porque somos uns dos mais entusiastas admiradores da sua formosa intelligencia, das prendas do seu character, dos dotes do seu magnanimo coração; e por isso nos felicitamos pela noticia de termos brevemente o prazer de ouvi-lo na tribuna sagrada, onde raro terão subido oradores de tal quilate e de tanta competencia.

×

Não ha agasalhos possiveis contra o frio, que se tem sentido nos ultimos dias.

É de gelar!

Não se ouve fallar senão em graus abaixo de zero, em estufas, em pelles, em regalos e em bronchites.

Nós não nos queixamos. Nascemos no norte do paiz e esta temperatura, que para os filhos do

sul de Portugal parece Syberiana, é para nós temperada, como a das primaveras de lá.

V. ex.^a querem uma receita contra o frio?

Levantem-se ao romper do dia, tomem um banho de agua fria, friccionem-se com uma toalha turca, vistam-se, e tomem um copo de leite quente com cognac e dêem um passeio, em passo rapido, de trez a seis kilometros, venham almoçar e verão como passam um dia agradável, sem sentirem o rigor da baixa temperatura, que tanto os encommoda.

É a nossa receita de ha muitos annos, e com a qual nos temos dado perfeitamente.



DESCRIPÇÃO DAS NOSSAS GRAVURAS

A NOSSA primeira gravura representa uma pescaria em um rio da China.

Os chins são engenhosos em tudo e os processos, que empregam para pescar, bastariam para demonstrar a sua habilidade.

Na nossa estampa vê-se perfeitamente o modo como a rede é lançada e levantada do rio.

Ha uma especie de ponte, que se move com o pezo de um homem, como uma alavanca interfixa, e da qual pende a rede, que mergulha quando a extremidade movel se eleva e que sobe quando a mesma extremidade desce.

Não é este o unico processo de que se servem, porque tambem empregam o alcatraz preso e fazem a pesca ao candeio com a figsa e com a rede.

A industria piscatoria emprega um sem numero de individuos de ambos os sexos e Pei-ho, povoado por innumeros pescadores, apresenta o aspecto mais animado.

×

A nossa segunda gravura representa um soldado francez.

Physicamente o soldado francez é um modello perfeito. Nem grande, nem pequeno, o corpo é admiravelmente proporcionado e se não é capaz de uma grande acção muscular é pelo menos constituido de forma, que pôde vantajosamente luctar contra a fadiga e contra pesados exercicios. Agil e nervoso, destro e desembaraçado é tão prompto no ataque como na defeza, e sobre tudo é distincto pela coragem e pela bravura.

Na historia de França encontram-se exemplos de heroicidade, que collocam os soldados d'aquella nação no plano superior da gloria,

porque não ha feitos militares que possam comparar-se com os d'elles.

×

É na época da renna que vemos manifes-



SOLDADO FRANCEZ

tar-se pela primeira vez no homem o sentimento da arte

Uma circumstancia notavel é que o sentimento artistico parece ter sido a partilha das populações, que habitavam o sudoeste da França actual. Os departamentos da Dordonha, de Viena, de Charente, de Tarn-et-Garonne e do Ariè-

ge são, com effeito, os unicos em que se colheram desenhos e esculpturas, representando seres organicos. Os departamentos de leste não offercem exemplares. Para explicar esta circumstancia basta notar, que as cavernas do sul da França correspondem aos ultimos tempos da época da renna, emquanto que as outras remontam aos primeiros tempos d'essa mesma época.

A nossa terceira gravura representa os precursores de Raphael e Miguel Angelo, ou os artistas da época da renna.

×

A nossa ultima gravura representa o Mammuth—elephas primigenius—ou o elephante de tosão de lã e crina, do qual se têm encontrado cadaveres inteiros, perfeitamente conservados, nos gelos das costas da Syberia.

Proximo do começo da epoca quaternaria produziu-se um grande phenomeno natural, na Europa, sob a acção de causas multiplas, que não foi possivel explicar até hoje. Uma parte da Europa cobriu-se de gelos; por uma parte avançando desde os polos até às latitudes mais meridionaes, por outro descendo dos cimos das altas cadeias de montanhas até as planicies, os gelos adquiriram um notavel crescimento.

Como todas as partes baixas do continente estavam cobertas pelo mar, apenas alguns platôs deram asylo aos homens e aos animaes, que fugiam ante aquelle frio mortal.

O *mammuth* desapareceu n'esse cataclismo de gelo e com elle outras especies, cujos gigantescos esqueletos têm aparecido.

Este grande phenomeno foi denominado *período glaciario*, e provocou o aniquillamento de muitas gerações de animaes.

É claro que o homem, tão mal defendido contra esse inverno universal e subito, soffreu

muito durante este periodo. No entanto, soube resistir aos ataques da natureza revoltada, e a especie humana ao inverso do que succedeu a outras especies animaes, não pereceu totalmente.

Os que digerem mal devem ou fazer muito exercicio se têm forças para isso ou estar muito tempo na cama.

O leito demora a digestão pelo desenvolvi-

CARTEIRA UTIL

HYGIENE

Preceitos relativos ao somno

A FALTA absoluta do somno ou o dormir pouco não só altera a saude, como o caracter do individuo.

O homem que dorme pouco é irritavel, magro, menos susceptivel de um trabalho aturado, digere mal, as mãos escaldam-lhe, o corpo tem sempre uma temperatura muito elevada, pouco apetite e quasi sempre tristeza e preocupações.

É difficil ter boa saude sem dormir pelo menos seis horas em cada noite.

Todavia é necessario proporcionar o somno ás fadigas do corpo ou do espirito, á idade, ao sexo, aos soffrimentos phisicos e aos moraes.

A creança precisa dormir mais que o homem, o adulto mais que o velho, mais a mulher que o homem, mais o convalescente que o homem com saude, mais o homem de negocio do que o ocioso, mais o homem de gabinete do que o do campo.

A creança e o convalescente devem dormir dez horas, uma mulher nova oito horas, um homem de negocio sete, o ocioso seis, os velhos cinco e aos doentes bastam trez.

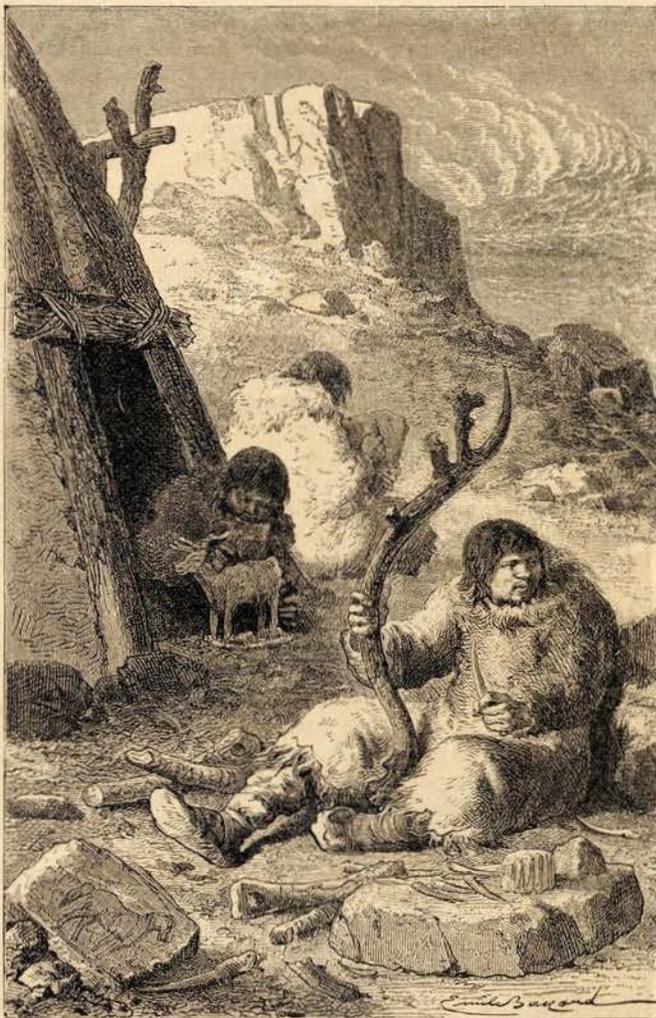
Quatro horas de somno, de noite, restauram mais as forças do que seis horas de somno, de dia.

Todavia nos paizes quentes e durante a canicula nos paizes temperados, pode-se, no meio do dia, dormir algumas horas, a que se chama vulgarmente a sêsta e isso é não só util aos homens de letras como aos artistas.

mento do calorico, mas em compensação torna-a mais proveitosa.

Nem todos os orgãos são dominados pelo somno.

O coração e os pulmões e o diaphragma têm um exercicio continuo de dia e de noite e é por isso que elles estão mais sujeitos ás doenças e envelhecem mais cedo.



OS PRECURSORES DE RAPHAEL E DE MIGUEL ANGELO, OU OS ARTISTAS DA ÉPOCA DA RENNA

N'um homem, que morre aos 76 annos, ha realmente alguns dos seus orgãos, que não fizeram exercicio senão cincoenta annos, porque estiveram em repouso durante o somno; mas o coração e os pulmões viveram realmente 75 annos. Muito somno predispõe para apoplexia e para a inércia, assim como a falta d'elle produz a consumpção, o delirio e algumas vezes a loucura.

Entre as paixões ha umas, que geram o somno e outras que o affastam. Uma grande alegria ou um grande pesar produz a insomnia.

Uma dôse pequena de café não deixa dormir, enquanto que uma dôse grande causa o torpôr e algumas vezes o delirio. Com os vinhos e os licores acontece o mesmo. O somno, motivado por aquelles agentes, tem como consequencia a febre e o mal estar.

Pouco opio adormece os sentidos e as dores, muito opio produz a embriaguez, a insomnia e o delirio. O abuso do opio pode causar a loucura.

O somno tira o appetite pela mesma razão que restaura as forças. É que não sò os orgãos repousam, como a nutrição lhes é igualmente distribuida pelo coração, que vela sempre.

Para o somno ser proveitoso é util que a digestão já esteja feita ou pelo menos começada e que o corpo e os membros estejam á vontade sem cousa alguma, que os opprima.

É bom tomar precauções contra o barulho, contra a claridade e contra as correntes de ar. Não ter no quarto flôres, evitar a temperatura elevada, dormir em leito duro, ter a cabeça alta, os pés quentes e pouca roupa na cama.

É conveniente mudar de posição, ora dormindo sobre o lado direito, ora sobre o esquerdo, para assim descançarem ambos os pulmões.

O somno é uma necessidade da vida porque sem elle é impossivel a saude.

O homem, que dorme pouco, é ordinariamente ambicioso e mau.

Diz a historia que o grande Scipião dormia muito e que Calligula apenas repousava tres horas.

ISIDORE BOURDON.

MINIATURAS

EDMUNDO HALLEY

NASCEU em Londres em 1656. Este astronomo celebre aos dezenove annos inventou um methodo para achar os aphelios

dos planetas; fixou a posição de trezentas e cincoenta estrellas; determinou as leis da variação da bussola e fez varias viagens no mar para as verificar.

Applicando aos cometas os principios de Newton, disse, em 1705, que appareceria em 1758 o cometa de 1682, que ficou com o nome de *cometa de Halley* e faz uma revolução completa em setenta e cinco annos, tendo apparecido por tanto em 1305, 1380, 1456, 1531, 1607, 1682, 1758 e 1835.

Aos cuidados de Halley deve-se a primeira edição dos *Principia* de Newton.

Morreu em Londres em 1742.

ROGERIO DE VILLAMAIOR.

ALBUM

Nós temos illusões, sonhos dourados,
Do seio nosso a dentro e tantos... tantos...
Que ainda que os nossos olhos chovam prantos
Jamais serão de choros inuñdados

Que a terra e o vicio bradem, e, indignados,
Destruam o que ha de bello, puro e santo.
A vida é um grande mar, mar sacrosanto,
Cuja praia é o futuro aos naufragados.

E além n'ella bate o grave oceano,
Com a timidez branca da esperança,
Ou com a vaga vã do desengano.

De todo não percamos a confiança;
Passa uma onda... um anno e passa outro anno
E temos illusões como em criança.

ANTONIO DE VASCONCELLOS.

POR UM BEIJO

ROMANCE DE ERNESTO CAPENDU

(Continuado do numero antecedente)

XI

O lance da rede

ERA a decima quinta vez, que eu assistia a esse spectaculo verdadeiramente encantador, e os meus olhos não deixavam ainda de admirar-o.

A marquezia interrogava-me com uma curiosidade infantil e eu respondia-lhe com um luxo de detalhes, que devia causar inveja ao *Guia dos Viajantes*.

Esse dia foi um dos mais encantadores, dos que tenho passado ao pé de uma mulher.

Os abomináveis e defumados tectos das casas de Mayence appareceram depressa na frente do nosso vapor.

Era todavia necessario resignarmos-nos a deixar o Rheno para procurar alojamento nos diferentes hotéis, que ha no pittoresco caes.

A marquezia assistiu á instalação das suas creadas e, como a noite estava esplendida e era ainda cedo, propoz-me um passeio á outra margem do rio.

Atravessamos a ponte e seguimos a estrada de Cassel a Biberich.

A corrente do Rheno murmurava a nossos ouvidos as suas sublimes harmonias.

A marquezia parecia sonhar, apoiada no meu braço, mas os seus sonhos pareciam muito diferentes d'aquelles, que na vespera tinham constellado a sua formosa frente de sombrios pensamentos.

Nós caminhavamos ao acaso e paravamos de quando em quando para admirarmos o esplendido panorama, que tinhamos diante dos olhos.

Insensivelmente deixamos a estrada e desce-mos á praia.

Um pescador preparava o seu pobre barco para subir o rio.

— Emquanto avalia a pesca que vae tentar? perguntei-lhe eu em allemão.

— Oh! respondeu elle, a época é má e se eu pescasse algumas trutas dava-me por muito feliz.

— Todas as noites vae á pesca?

— Vou, meu senhor, porque tenho de sustentar uma familia numerosa.

— Quantas pessoas?

— Minha mulher e cinco filhos... Eu não teria tantos cuidados se as minhas redes fossem boas, mas ellas estão, como eu; começam a envelhecer e as malhas, rotas aqui e acolá, já deixam escapar muito peixe.

— Então os lucros não dão para comprar umas novas?

— Não, meu senhor. Quando posso levar para casa um florim é um dia de festa; mas depois de nutridas sete boccas, não sobra quasi nada.

— Quanto custam umas redes novas?

— Oh! uma quantia grande.

— Mas quanto?

— Trinta florins.

— Quer vocemecê passar-nos para a outra margem?

— Com a melhor vontade, senhor.

Eu ajudei a marquezia a subir para o batel e o pescador pegou nos remos.

Quando chegamos a meio do rio eu disse:— Lance as redes.

— Aqui não, meu senhor. Seria inutil, respondeu-me o pobre homem.

— Porque?

— Estamos muito perto da cidade. Os vapores, que se cruzam n'este logar, fazem fugir ou matam o peixe.

— Não importa. Experimente. A presença d'esta senhora ha de dar-lhe felicidade.

O pescador abanou a cabeça em signal de não acreditar muito na minha profecia, mas dispoz-se a obedecer.

A marquezia olhava sem dizer palavra.

Eu julguei que ella não comprehendia o allemão e enganava-me, como vae vêr.

O pescador, que tinha lançado as redes, preparou-se para colhel-as e quando as puxou para bordo vimos que estavam vasias.

— Já vê, sir Williams, que a minha presença não dá felicidade, disse-me a marquezia, que tinha seguido com toda a attenção o trabalho do pescador.

— Engana-se v. ex.*, respondi eu, atirando ao meio das redes, molhadas, a minha bolsa que tinha cerca de duzentos luizes de França.

O pescador pegou n'ella precipitadamente.

— Oh, meu senhor, não caçoe de um desgraçado, disse-me elle com emoção e entregando-me a bolsa, que acabava de apanhar.

— Eu não caçoo, meu amigo. Eu disse-lhe que a presença d'esta senhora lhe daria felicidade, e eu não menti. Agora ponha-nos em terra, porque o vento principia a refrescar sensivelmente.

A marquezia não disse uma palavra; mas pareceu-me abstracta.

Quando chegamos a Mayence o pescador ajoelhou, chorando, e beijou a fimbria do vestido da gentil marquezia.

Nós dissemos-lhe adeus e dirigimo-nos para o hotel sem trocar uma palavra.

A marquezia deixou-me o braço á porta do seu quarto e como eu me inclinasse para saudala, estendeu-me a mão e disse-me:

— Sir Williams, agradeço-lhe o ter-me proporcionado ensejo de conhecer o seu excellente coração.

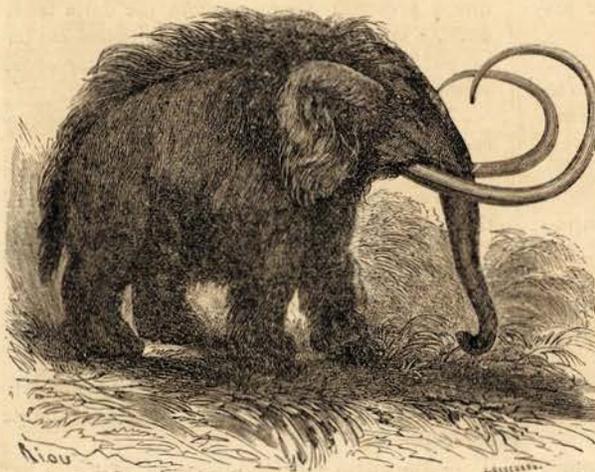
— Marquezia— respondi eu— a primeira vez que Buckingham viu a rainha Anna de Austria,

quiz, segundo se conta, que esse momento, em que elle teve a felicidade de ver a mulher, que devia amar toda a vida, fosse abençoado por mais alguém do que elle. E arrancando um formoso diamante, que trazia, atirou-o pela janella fóra. Era uma fortuna, que elle punha á disposição do primeiro que passasse. Eu tenho a honra de descender em linha recta do famoso ministro de Carlos I. Este dia foi para mim um dos mais memoraveis entre aquelles, de que se conserva preciosamente a saudade no fundo do coração. A minha ventura era tão grande, que quiz que outrem a partilhasse e que esse rio causa e testemunha da minha alegria fosse tambem causa e testemunha da alegria de mais alguém.

A marquezia ficou indecisa se devia responder-me e, retirando-me a mão, apenas disse: até amanhã e fugiu para o seu quarto.

Esta pequena scena, meu caro Roberto, pôde talvez considerar-se uma scena de amor, mas se o sr. a classificar assim, classifica-a mal. Eu estava mais impressionado pela belleza da natureza do que pela da mulher. Obrei sem reflexão, sem pensamento reservado e tanto assim que a marquezia, percebendo isso, no dia seguinte não me disse sequer uma palavra que alludisse ao que se tinha passado na vespera.

(Continúa.)



O MAMMUTH

PASSATEMPO

CHARADAS

Talvez que o leitor se risse,
quando visse
no jardim,—1.
Uma flôr muito mimosa;
mas vaidosa
Ver-se assim—3.
E, zangada a tolcirona.
muito mona
e trombuda;
Com o todo, e sem parar
foi comprar
a taluda!

Vizeu

O PEQUENO ANTONINHO.

AO INCLITO CHARADISTA PEQUENO ANTONINHO

Meu caro amigo Antoninho,
Tive uma grande massada,
Pois passaram sete dias
Sem que eu deixasse a charada—4.

E d'uma p'ra outra parte
Deslizando sem cessar,
Andei muito atrapalhado
Por a não poder matar—2.

Se a não mato, disse então
Depois de muito meditar,
—A *Illustração Popular*
Me dará a decifração.

CUSTODIO SILVA.

CHARADAS ELECTRICAS

As direitas corre, ás avessas prende—2.

COSTA SIMAS,

As direitas cheiro, ás avessas utensilio—2.
As direitas rio, ás avessas astronomia—2

JOAQUIM FERREIRA SOBRAL.

LOGOGRIPO

Foi aqui n'este aprisco—1—4—3—2.
Que encontrei esta flôr—4—5—1—2—6.
Se ao todo chamam dama
N'isso não fazem favor.

MARCO.

EYPLICACÃO DO PASSATEMPO DO N.º 22

Enigma—*Dinheiros de sachristão cantando
vêm cantando vão.*

Charadas—*Rapa—Calado.*

Charadas novissimas—*Padrelia—Tabica—
Silvano.*